

GONÇALVES (Alfredo Machado). — *Tipografia Portuguesa — Livros impressos no século XVI existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada*. Publicação patrocinada pelo Ministério da Educação Nacional. Direção Geral do Ensino Superior e Belas-Artes. Ponta Delgada. São Miguel, Açores. 1968. XI + 163 pp.

Quando, há cerca de cinco anos, estive em Ponta Delgada fazendo um pesquisa nos livros de Antero de Quental que o Poeta expressamente doou à Biblioteca Pública da bela Capital do Arquipélago dos Açores, tive o privilégio de travar amizade com o seu Diretor, o Dr. Alfredo Machado Gonçalves, professor do Liceu da Cidade, homem de invulgar saber e de trato amável, incansável estudioso das coisas de sua terra e de sua gente. Estava êle, justamente naquela altura, instalando o moderno aparelhamento que o governo de Lisboa fornecera à Biblioteca para microfilmagem e fotografia de documentos do preciosíssimo arquivo que, há anos, a Junta Geral Autônoma mantém sob sua competente direção.

E', de fato, comovente para um pesquisador estrangeiro, mas da mesma tradição lusíada, ir encontrar no coração do mar Tormentoso, entre as maravilhosas ilhas de Gonçalo Velho, em meio àquelas impressionantes montanhas, lagos e crateras, possíveis testemunhas derradeiras da Atlântida perdida, é, dizia, comovente ir encontrar ali um socegado recanto de meditação e estudo, santuário de recordações anteriores, onde se respiram as motivações de alguns dos mais belos versos de nossa língua. E' é bom descobrir que o sacerdote e guardião das venerandas relíquias é o amigo Prof. Gonçalves.

Lembro-me de que, ao contar-me de seus planos de publicações, mencionou, como um dos frutos do paciente trabalho a que vinha dedicando a vida, o livro que ora apresento. Faz precisamente um ano que mo enviou, e lamento que somente agora tivesse tido o vagar de lê-lo e comentá-lo. Na carta em que me anunciava a remessa do volume, escreveu: "E' um "catálogo" de obras impressas em Portugal, no século XVI, e existentes aqui na Biblioteca, cuja intenção é de dar a conhecer a existência, nestas longínquas paragens atlânticas, de algumas espécies raras. Vamos a ver se consigo fazer a parte do século XVII, que é muito maior". Promete-nos, portanto, o prof. Gonçalves, outro volume que será de grande utilidade para os interessados na antiga bibliografia portuguesa.

O presente trabalho, apesar de suas dimensões modestas, é obra digna de figurar ao lado dos de Sousa Viterbo (*O Movimento Tipográfico em Portugal no século XVI*), publicado em Coimbra, em 1924; Joaquim de Carvalho (*Livros de D. Manuel II*), publicado em 1950, igualmente em Coimbra; e o próprio Inocêncio.

Compreende o "catálogo" 173 livros impressos em tipografias portuguesas, principalmente de Lisboa e de Coimbra, no século XVI. Dada a informação de Tito de Noronha, em livro escrito em 1874, de que fôram publicados em Portugal, naquele século, 900 obras, incluídas as anônimas; ou mesmo a notícia de Viterbo, que eleva o número para 1200, ou a de Joaquim Anselmo que a eleva para 1312, é a coleção de Ponta Delgada proporcionalmente considerável.

O volume do Prof. Gonçalves tem XI + 163 páginas e divide-se em três seções: 1). — Relação dos títulos por ordem alfabética dos autores (págs. 1-128);

2). — Lista dos “impressores quinhentistas que no presente trabalho figuram” (págs. 129-137); 3). — Marcas tipográficas usadas pelos impressores mencionados na publicação (págs. 139-153). No final, o índice dos Autores, o dos títulos e o dos impressores.

O método observado é o seguinte. Cada título é dado, em síntese e em linguagem moderna, à margem direita da página e o autor à esquerda. Logo abaixo, no centro, a data da impressão, o lugar e o impressor. Abaixo, em seguida ao número de ordem da relação, o título original completo, em linhas corridas, e os demais dados bibliográficos existentes na mesma página de rosto, e na forma em que ocorrem. Depois, quando é o caso, o que está no colofon. A seguir, dois parágrafos em corpo miúdo, contendo o primeiro as características do volume quanto à encadernação, dimensão, número de páginas, tipo usado, etc., e, o segundo, todos os lugares onde se fazem referência ao volume em questão: Inocêncio, Gusmão, Barbosa, etc. Por último, as indicações relativas ao tombamento, secção da biblioteca e lugar na estante onde se acha o livro.

Há também, com relativa freqüência, fotografia dos frontispícios.

Quanto aos impressores, traz o livro uma pequena biografia de cada um, com dados de grande interesse humano e histórico.

Não gostaria de terminar esta nota sem fazer algumas observações pessoais, terminada a leitura do trabalho do Dr. Gonçalves.

Sabemos que as bibliotecas de Teófilo Braga, Antero de Quental, José do Canto, Ernesto do Canto, do antigo Convento local, constituem a parte maior do acervo da Biblioteca Pública de Ponta Delgada, onde aquelas são conservadas em secções e estantes próprias. Nos fichários, muito bem organizados, as indicações são precisas, a esse respeito: Assim, por exemplo: Petri Nonii Salaciensis, *De Crepusculis Liber Unus. Item Allacen Arabis vetustissimi, de causis crepusculorum*, etc. etc. J. C. 3774. (J. C. = José do Canto).

E', pois, muito fácil saber de onde provém o livro que nos interessa, isto é, a quem pertenceu antes de vir a fazer parte da Biblioteca Pública. Torna-se, portanto, fácil também fazerem-se certas especulações que podem vir a ser de alguma utilidade.

A primeira coisa que imediatamente se verifica é que nem Antero de Quental, nem Teófilo Braga possuíam livros impressos no século XVI em Portugal, salvo se a algum deles tenha pertencido o *Contemptus Mundi*, de Tomás à Kempis, ou o Hieronimi Osorii, *De Vera Sapientia*, os únicos que não trazem, no catálogo, nenhuma informação quanto à origem. Dos 171 que a possuem, 120 vieram da Biblioteca de José do Canto, 37 da do Convento, 10 da de Ernesto do Canto, e 4 da de Eugênio do Canto.

Outro fato interessante é que, dos 173 títulos quinhentistas, 2 tratam de História Eclesiástica, 72 de Teologia Mística, 1 do Evangelho da Missa e 2 são índices *Librorum prohibitorum*, ao todo, até aqui, quase a metade do acervo: 77 obras dedicadas a temas religiosos. Contudo, nem um exemplar das Escrituras Sagradas, com exceção do da seleção de textos evangélicos para a liturgia da Missa. Os outros 96 títulos abrangem as áreas da educação primária, da História e da Ciência.

Entre êsses livros religiosos, aparecem dois volumes de Bulas papais, ambos de 1575, um Catecismo e uma obra sôbre o livre arbítrio. Na área da História, há um sôbre o cisma da Inglaterra.

Observo êstes pormenores, que considero importantes para a compreensão da atmosfera religiosa da época em Portugal, porque, como é sabido, o século XVI foi realmente o século da “descoberta” da Bíblia. Por outro lado, se o ambiente era de combate à *heresia* protestante, a melhor forma de combatê-la teria sido, naturalmente, divulgar as fontes puras dos Evangelhos e das Escrituras em geral, pelas quais se patenteassem os erros teológicos, que os hereges difundiam pelo mundo. Mas isso é outro problema, e não diz respeito sômente a Portugal.

No que concerne ao interêsse pela edição da Bíblia naquele século, ocorreu-me ir consultar o conhecido catálogo, publicado no Rio de Janeiro em 1895, das Biblias existentes na nossa Biblioteca Nacional, e fazer algumas comparações.

Existiam, em 1895, cêrca de 75 exemplares da Bíblia, ou porções dela, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, editadas no século XVI em várias partes da Europa. Nenhuma de Portugal. Nenhuma em português, nem do Velho nem do Nôvo Testamento. Em latim, 19 de edições católicas, cêrca de 18 de edições protestantes; em hebraico, uma católica, com autorização eclesiástica, duas de edição protestante, e quatro, de edição judaica; políglotas, uma católica (do Cardeal Ximenes), outra protestante, de Heidelberg; da Septuaginta, 5; da Vulgata comparada com o texto de Erasmo, uma; do Saltério e outros livros sapienciais, e de alguns profetas, sempre em latim, 7 ou 8; do Nôvo Testamento, em latim, 6; o texto grego,³ o texto de Erasmo, 3. De edições em línguas vernáculas, todas protestantes, uma em toscano, 1 em francês, 2 em espanhol, de edições diferentes, mas feitas, naturalmente, fora da Espanha, e 1 holandesa. Logo no comêço do século XVII, entre 1602 e 1641, a Biblioteca Nacional possui 6 exemplares da Bíblia, sendo 4 de edição protestante: uma italiana, feita em Genebra, duas espanholas, feitas na Holanda, e outra francesa, feita também em Genebra “por professôres e pastores dessa cidade, e que, no catálogo, mereceu uma nota especial: “Bíblia calvinista”...

Com uma tão grande abundância de Biblias editadas naquele século de fantástico interêsse religioso; é realmente de se estranhar que bibliotecas particulares tão ricas, para o tempo, como as que vieram a constituir a Pública de Ponta Delgada, não possuíssem um exemplar sequer das Escrituras.

A mesma coisa poder-se-ia dizer também da Biblioteca de D. Manuel II, cujos livros fôram em 1950 apresentados pelo notável pesquisador e professor de Coimbra, o Dr. Joaquim de Carvalho, (*Livros / de / D. Manuel II / Manuscritos, incunábulo, edições quinhentistas, / camoneana e estudos de consulta / bibliográfica*, selecionados / e apresentados por / Joaquim de Carvalho / Atlântida — Coimbra / 1950 (108 págs.)). Nessa riquíssima livraria, existem, do século XVI, 228 títulos. Nenhuma Bíblia completa. Existe um Saltério em latim, um comentário, em latim, a Marcos, outro a Daniel, de Fr: Heitor Pinto, e pronto. Naturalmente, catecismos, missais, livros sôbre casos de consciência, índices de livros proibidos, e, também, uma obra que ajuda a explicar tudo, pu-

blicada em 1550, *sobre* a Bíblia e a autoridade exclusiva do Papa de interpretá-la, mas mesmo assim, escrita em Latim.

Enfim, como se vê, muita coisa sugere, a leitura do livro do professor de Ponta Delgada. Tenho para mim, que a nossa Biblioteca do Departamento de História poderia, por exemplo, solicitar ao Prof. Gonçalves cópias microfilmadas de algumas das obras raras de interesse histórico na sua Biblioteca existentes, que talvez pudessem ser adquiridas ou permutadas por outras nossas que pudessem interessar aos estudiosos da Ilha.

Entre aquelas, poderia citar, como exemplo:

Comentários do Grande Afonso de Albuquerque, Capitão Geral que foi das Índias Orientais, Lisboa, 1576; *O Preste João das Índias*, do Pe. Francisco Álvares. Lisboa, 1540; *O Primeiro cerco que os turcos puseram à fortaleza de Diu*, de Francisco de Andrade, Coimbra, 1589; *Sucesso do Segundo Cerco de Diu*, de Jerônimo Còrte Real, Lisboa, 1574; *Leis e provisões que el Rei D. Sebastião, nosso senhor fêz depois que começou a governar*, Lisboa, 1570; *Os livros primeiro e segundo das Ordenações com sua tabuada...*, Lisboa, 1514; *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugêses*, de Fernão Lopes de Castanheda, Coimbra, 1551 a 1561 (do primeiro ao oitavo livro); *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*, pelo Pe. João de Lucena, Lisboa, 1600; *Primeira parte das crônicas dos reis de Portugal*, de Duarte Nunes do Leão, Lisboa, 1600; *Leis extravagantes*, do mesmo Nunes do Leão, Lisboa, 1569; *De Rebus Emmanuelis Regis Lusitaniac*, de Jerônimo Osório, Lisboa, 1571; *Historia Eclesiástica del Scisma del Reyno de Inglaterra*, de Pedro de Ribadeneira, Lisboa, 1588; *Explicacion de la Bulla de la Sancta Cruzada*, do Fr. Manuel Rodrigues 1592, s. I; e, finalmente, para não abundar em demasia, o *Livro dos Privilégios concedidos pelos sumos pontífices*, do Pe. João de S. Pedro, Lisboa, 1594.

JORGE CESAR MOTA

* * *

MORAES (Rubens Borba de). — *Bibliografia brasileira do período colonial: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808*. Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo. 1969. 438 pp.

Uma valiosa doação de Chico Buarque de Holanda, em colaboração com seu pai, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, permitiu ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo publicar esta importantíssima obra do grande mestre da bibliografia brasileira que é Rubens Borba de Moraes. Trata-se, como o subtítulo o indica, de um catálogo comentado das obras de autores brasileiros publicadas antes de 1808, elaborado com a erudição, o cuidado e a honestidade que já nos habituamos a ver em outros trabalhos do ilustre bibliógrafo. Edição primorosa, com *fac-simile* das páginas de rosto das obras mais importantes.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *